

DOIS NOVOS ÍDOLOS TIPO MONCARAPACHO

Victor dos Santos GONÇALVES *

1. Considerações preliminares

A investigação referente à caracterização das diversas fases do Calcolítico do Ocidente peninsular avançou o suficiente para se poder falar de **fósseis-indicadores** de relativa confiança. É o caso das taças carenadas (próprias de uma fase muito inicial ou mais provavelmente de um Neolítico final), dos copos canelados, das decorações a punção fino tipo Rotura IIb, da cerâmica com decoração folha-de-acácia e do Campaniforme, internacional, de estilos compósitos e tipo Palmela.

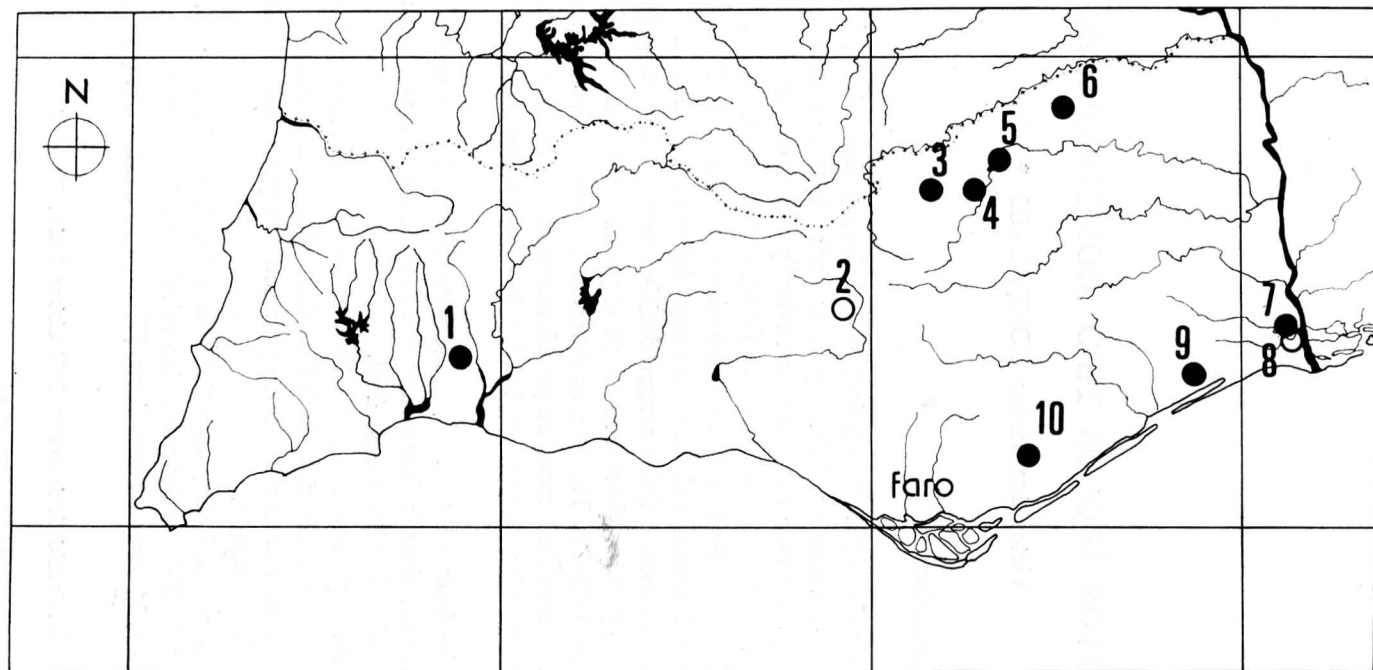
A nível das cronologias, o único avanço decisivo deveu-se à publicação de uma série de datações C_{14} para os diversos níveis do importante povoado fortificado do Zambujal (Schubart, 1975-77). Também as datações TL contribuíram para um sensível acréscimo de interesse em torno ao posicionamento cronológico do calcolítico português e das suas relações com os últimos fenómenos megalíticos (Whittle e Arnaud, 1975).

Importante é lembrar que todos estes dados se referem à zona central do País, nas áreas agricolamente ricas (e favorecidas por numerosos meios de comunicação natural) das Penínsulas de Lisboa e Setúbal.

O Sul de Portugal, particularmente o Baixo Alentejo e Algarve, permaneciam completamente ignorados e, no caso da última das regiões mencionadas, os últimos trabalhos de vulto tinham decorrido ao tempo e sob a responsabilidade de Estácio da Veiga, há mais de um século.

A descoberta do povoado de prospectores de cobre do Cortadouro (C. Tavares da Silva e J. Soares, 1976-77) e dos povoados calcolíticos dos Cerros do Castelo de Corte João Marques, Mestras e Santa Justa (Victor dos Santos Gonçalves, 1979a e

* Centro de História, Faculdade de Letras, 1699 Lisboa Codex, Portugal



Ídolos-cilindro tipo Moncarapacho e contexto calcolítico conhecido.

1. povoado e necrópole de Alcalar. 2. Ídolo de Salir 3. Povoado calcolítico «aberto» do Cerro do Castelo da Corte João Marques 4. Anta do Curral da Castelhana. 5. Povoado calcolítico do Cerro do Castelo das Mestras. 6. povoado calcolítico fortificado do Cerro do Castelo de Santa Justa. 7. Monumento de falsa cúpula (destruído) de Castro Marim. 8 Ídolo da Lezíria. 9. Monumento de falsa cúpula de Marcela. 10. Moncarapacho.

1979b) vieram alterar particularmente esta situação, fornecendo imagens mais nítidas. O caso do povoado de Alcalar veio, também, reforçar alguns pontos em estudo ou discussão a propósito da grande necrópole e do seu enquadramento.

Se a cultura material foi, logicamente, privilegiada, como única forma de caracterizar rapidamente períodos curtos, tal se deve, não o esqueçamos, à fragilidade dos componentes superestruturais, nomeadamente dos ritos, signos, gestos propiciatórios e até dos próprios objectos do culto.

Conheciam-se antas e **tholoi** conectados ou relacionáveis com povoados calcolíticos mas poucos deles forneceram outros elementos que os derivados do estudo da sua estrutura, excepção aberta para o famoso vaso do **tholos** do Monte do Outeiro (Abel Viana e outros, 1961) e para a falange gravada do monumento 8 de Alcalar (Vitor Guerra e Veiga Ferreira, 1971).

A escavação do povoado calcolítico fortificado de Santa Justa (a comunicar ao IV Congresso Nacional de Arqueologia) permitiu, no entanto, conectar cultura material e artefactos relacionados com o sagrado, revelando associações seguras entre ambos os tipos de materiais. E uma das representações mais precocemente conhecidas no Ocidente Peninsular, a divindade de olhos em forma de sol e pinturas faciais múltiplas, está justamente representada numa dessas associações, num contexto claramente calcolítico.

Tudo isto veio aumentar consideravelmente o interesse da revisão de materiais de antigas escavações e, mesmo, de achados avulso.

Neste sentido se compreenderá a importância atribuída a dois novos ídolos-cilindro tipo Moncarapacho, identificados muito recentemente e ainda inéditos.

O primeiro provém da Lezíria (Castro Marim), o segundo de Salir, desconhecendo-se o local exacto da sua recolha.*

2 O ídolo da Lezíria (Castro Marim)

Foi recolhido em 1977 por um estudante do Ciclo Preparatório, residente em Castro Marim, num terreno com as coordenadas

X 261.6

Y 027 5 (CMP, folha 600, 1951)

Em Dezembro de 1979, o autor acompanhado por Ana Margarida Arruda, Fernando Gutierrez Reis e Luisa Aleixo Travassos, para além do achador do ídolo,

* O autor agradece ao Arquitecto Jaime Aschemann Palhinha a cedência para estudo do ídolo de Salir, ao dr. Fernando Gutierrez Reis as diligências feitas para que fosse possível a fotografia e desenho do exemplar recolhido na Lezíria e ao Arq.º Mário Varela Gomes a planificação do ídolo de Salir.

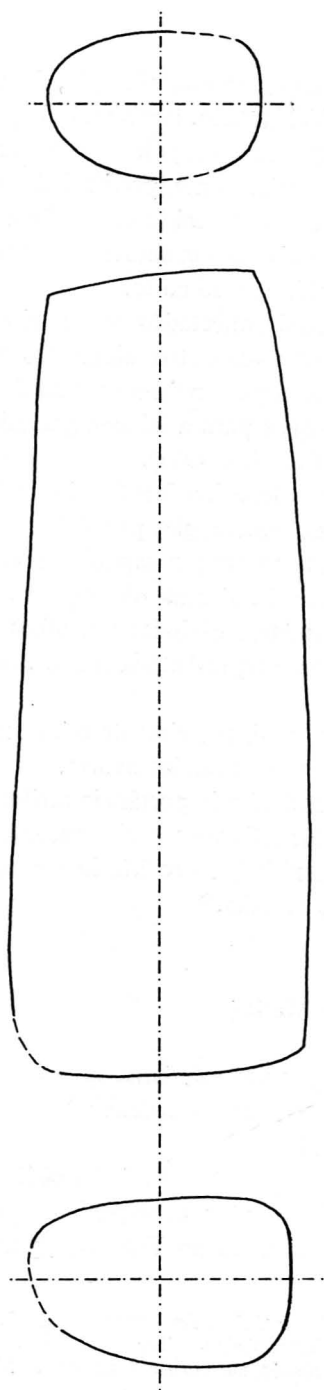


Fig. 1 — Corte e secções do ídolo cilindro de Lezíria. 1:1.

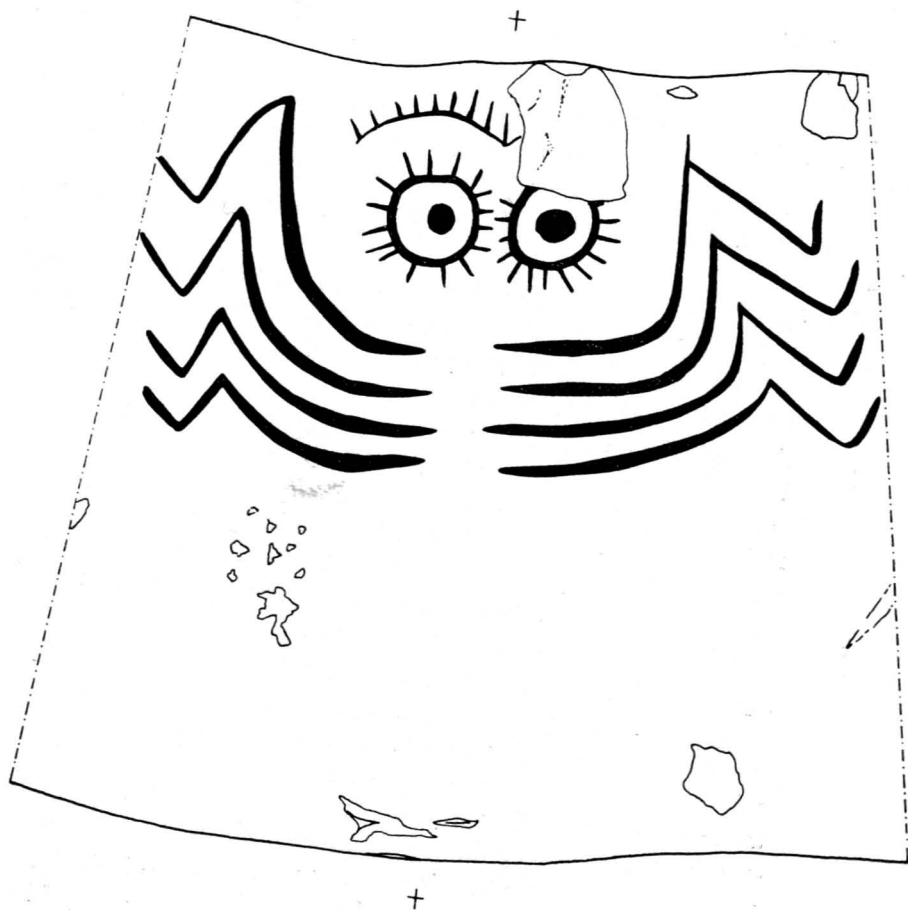


FIGURA 2 — Planificação do ídolo-cilindro da Lezíria. 1:1.

prospectaram uma ampla área da Lezíria, nada tendo recolhido de interesse arqueológico, pelo que se decidiu proceder a um estudo cuidadoso da fotografia aérea da região, já no âmbito da actividade do Grupo de Estudo do povoamento antigo do Baixo Guadiana, no entretanto criado por acordo entre a **Carta Arqueológica do Algarve (CAALG)** e o Departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Sevilla.

Como o terreno em questão não foi ultimamente agricultado em profundidade e como não se localizaram elevações de terreno susceptíveis de encobrir um monumento de falsa cúpula, o ídolo poderia ter sido proveniente de um povoado ou acampamento ou até mesmo do 'Castelo' vizinho, de que se conhece ocupação pré-histórica.

Descrição: peça talhada em mármore branco, com instrumento metálico, muito provavelmente um cinzel de cobre. Altura: 10,66 cm. Largura na base: 3,23 cm. Largura no topo: 2,18 cm. Peso actual: 198,60 gramas.

A decoração é constituída por três grupos de elementos: duas «so-brancelhas», que se unem ao centro, dois olhos sob a forma de sóis, com uma depressão escavada no centro, e quatro linhas de pinturas faciais em cada uma das «faces». Estas linhas são paralelas entre si, arrancam da face principal do ídolo, desenvolvem-se lateralmente e terminam, quase unindo-se, no verso da peça, apresentando-se ainda sob a forma clássica do zigue-zague.

Apesar de alguma irregularidade, trata-se de um magnífico exemplar, com uma única e pequena área danificada (recentemente).

No «olho» direito (à esquerda do observador) contam-se quinze raios curtos (4 mm em média) partindo de um círculo com o diâmetro de 11 mm. No «olho» esquerdo (à direita do observador) contam-se ainda 13 raios de dimensões semelhantes, partindo de um círculo com o diâmetro idêntico ao anterior. Como a parte superior deste círculo está destruída numa largura máxima de 7 mm, é possível que o número de raios fosse ligeiramente superior ao do círculo descrito em primeiro lugar.

3. O ídolo de Salir

Recolhido em data indeterminada por um particular não identificado, perto de Salir, sendo presentemente propriedade do Arq.º Jaime Aschemann Palhinha.

Não se conseguiram elementos concretos que permitissem qualquer informação sobre contextos ou características do sítio de origem.

Descrição: peça talhada em mármore branco, com instrumento metálico, muito provavelmente um cinzel de cobre.

Apresenta-se com destruições no topo gravado e na base, tendo sido particularmente afectada a área decorada.

Largura provável na base: 52 mm. Largura provável no topo: 41 mm. Altura actual: 11,33 mm. Peso actual: 389,10 gramas.

A decoração visível é constituída pela parte inferior de dois círculos solares providos de raios curtos (3 mm), não sendo possível um cálculo correcto do número exacto de raios por círculo. Actualmente são ainda visíveis 7 no olho direito (à esquerda do observador) e 8 no olho esquerdo (à direita do observador). No olho esquerdo é ainda detectável parte da depressão central.

As pinturas faciais, paralelas entre si e em dois grupos simétricos de quatro, arrancam da face principal mas terminam nas laterais, não chegando ao verso da peça, que se apresenta completamente liso.

4. Considerações finais

Os ídolos-cilindro oculados tipo Moncarapacho podem definir-se, de acordo com os exemplares já descritos e os anteriormente publicados (Leite de Vasconcellos, 1903, Afonso do Paço e Gonçalo Lyster Franco, 1959) da seguinte forma: **corpo cilíndrico, afuselado em direcção ao topo, sobranceiras convergentes, olhos com a forma de sol e com depressão central, pinturas faciais simétricas constituídas por traços paralelos entre si, zigzagueantes.**

Sem grandes considerações, Maria José Almagro Gorbea (1973, pp. 103-144) refere-se a eles no seu tipo N Variante C, apontando um exemplar proveniente de Valencina de la Concepción (Sevilla) e publicando-lhe fotografia (Lámina XIV).

São indubitavelmente representações de uma divindade calcolítica muito divulgada no Sudoeste em particular e no Ocidente peninsular em geral, em meios conectáveis com a metalurgia do cobre, portanto claramente calcolíticos.

Trata-se, assim o penso, de uma reformulação local e de uma revalorização de funções da antiga figura da Deusa-Mãe neolítica, pertencente, como se sabe ao fundo mediterrânico, onde se manifesta sob formas múltiplas e diversificadas.

A este respeito, citam-se inevitavelmente ligações com o Próximo Oriente. No entanto, e se admitirmos tais contactos, prefiro situá-los a nível da assimilação local de uma ideia muito geral e ampla. Ideia que conhece no Ocidente Peninsular uma

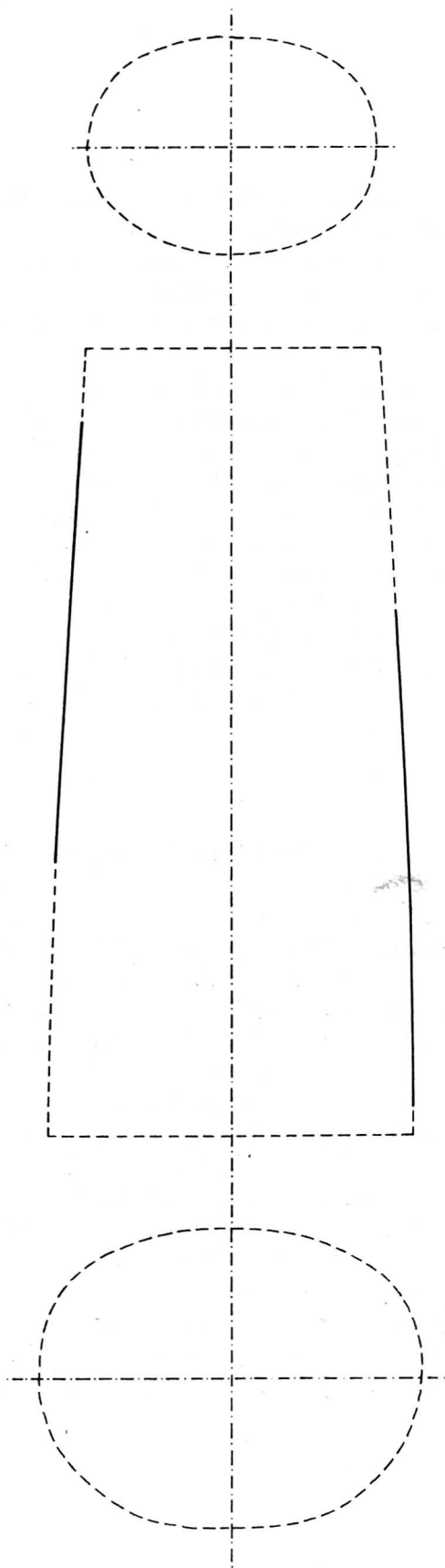


FIGURA 3 — Corte e secções do ídolo-cilindro de Salir. 1:1



FIGURA 4 — Planificação do ídolo-cilindro de Salar. 1:1

tal riqueza imagética que talvez se possa mesmo falar de **invenção local** e não de **importação**.

O conjunto amplo dos ídolos cilindros (oculados e não oculados) corresponde muito objectivamente a uma situação concreta: um ídolo betilo, cuja decoração é sensível a regiões amplas, apontando a marcha ou evolução de uma ideologia ainda mal conhecida mas onde, de novo, a Deusa-Mãe assume grande importância.

A extraordinária semelhança entre os exemplares conhecidos em Portugal e o ídolo de Valencina confirma a existência de uma vasta comunidade cultural no Calcolítico, sendo possível admitir movimentos de ideias em pleno terceiro milénio, a nível das regiões de Sevilla, Huelva, Algarve e Baixo Alentejo.

Será ocioso sublinhar o papel do Guadiana e respectiva rede de afluentes nestas deslocações e o significado das jazidas cupríferas como cimento destas relações superestruturais.

Outro ponto que resta esclarecer é o da relação entre a decoração dos cilindro-ídolos decorados tipo Moncarapacho e as placas de xisto com decoração geométrica próprias do fenómeno megalítico em Portugal e no Sudoeste Peninsular.

Com efeito, algumas placas de xisto acusam influências estranhas à sua habitual gramática decorativa, apresentando os olhos em forma de sol e as pinturas faciais típicas.

Não existem respostas feitas mas tudo parece indicar que, em dado momento da evolução própria às placas de xisto, a figuração da Deusa Mãe com olhos de sol influenciou alguns gravadores de placas. É pouco provável que saibamos como se desenrolou este processo mas mais uma vez a mobilidade dos prospectores de cobre poderá explicar este fenómeno.

Como é sabido, na economia se forjam muitos tipos de unidade e a partir dela se geram os sistemas de chefia e comando, as hierarquizações e a competente ideologia. Em fases subsequentes, o mecanismo do **feed-back** assegura a não estratificação e a própria dinâmica do processo, dando-lhe uma riqueza que seria estulto ignorar.

Esperemos novos elementos para podermos, com relativa segurança, avançar neste tipo de análise (arriscada mas necessária).

Lisboa, Dezembro de 1979

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

Sobre novos povoados calcolíticos no Sul de Portugal

- Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, 1976-77, **Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve**, Setúbal Arqueológica, II-III, Setúbal
- José Morais Arnaud e Teresa Júdice Gamito, 1978, **Povoado calcolítico de Alcalar. Notícia da sua identificação**, Anais do Município de Faro, VIII, pp. 275-283.
- Victor dos Santos Gonçalves, 1979 a, **Megalitismo e inícios da metalurgia do cobre no Alto Algarve Oriental, notas a uma exposição**, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, Setúbal
- 1979b, **A Carta Arqueológica do Algarve, estratégia e perspectivas**; CLIO, Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, 1, Lisboa, pp. 99-140.

Sobre ídolos-cilindro oculados

- J. Leite de Vasconcellos, 1903, **Analecta Archeologica** 18, **Antiguidades do Museu de Faro**, Archeologo Português, VIII, Lisboa, pp. 171-172.
- Afonso do Paço e Gonçalo Lyster Franco, 1958-59, **Idolo cilíndrico de calcareo, oculado, do Algarve**, Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 361-368
- Maria José Almagro Gorbea, 1973, **Los ídolos del Bronce I Hispano**, Biblioteca Praehistorica Hispana, vol. XII, Madrid, pp. 103-144.

Sobre ídolos-placa e seu simbolismo, três textos recentes

- Victor dos Santos Gonçalves, 1970, **Sobre o neolítico na Península de Setúbal**, Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, pp. 403-427.
- Octavio da Veiga Ferreira, 1973, **Acerca das placas-ídolos com mãos encontradas em Portugal, e o culto da fecundidade**, Estudios dedicados ao professor dr. Luis Pericot, Instituto de Arqueologia y Prehistoria, Barcelona, pp. 232-240.
- Victor dos Santos Gonçalves, 1978, **A neolitização e o megalitismo da região de Alcobça**, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, ver p. 19, **nota sobre as placas de xisto**.

Outras referências bibliográficas

- Abel Viana, Octavio da Veiga Ferreira, R. Freire de Andrade, 1961, **Um túmulo de**

- tipo alca areense» nos arredores de Aljustrel**, Revista de Guimarães, LXXV, 1-4 Guimarães, pp. 247-254.
- Hermanfrid Schubart, 1965, **A duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel**, Revista de Guimarães, LXXV, 1-4, Guimarães, pp. 195-204.
- A. Vítor Guerra e O. da Veiga Ferreira, 1971, **Notícia sobre uma falange-ídolo gravada do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz**, Revista de Guimarães, LXXXI, 1-2, Guimarães, pp. 43-49
- Hermanfrid Schubart, 1975-77, **Datas de radio-carvão para o Castro de Zambujal**, XIV Congresso Nacional de Arqueologia, Vitoria, 1975, Zaragoza, 1977, pp. 259-266.
- E. H. Whittle e J. M. Arnaud, 1975, **Thermoluminescent dating of neolithic and chalcolithic pottery from sites in Central Portugal**, Archaeometry, 17, 1, Cambridge, pp. 5-24.

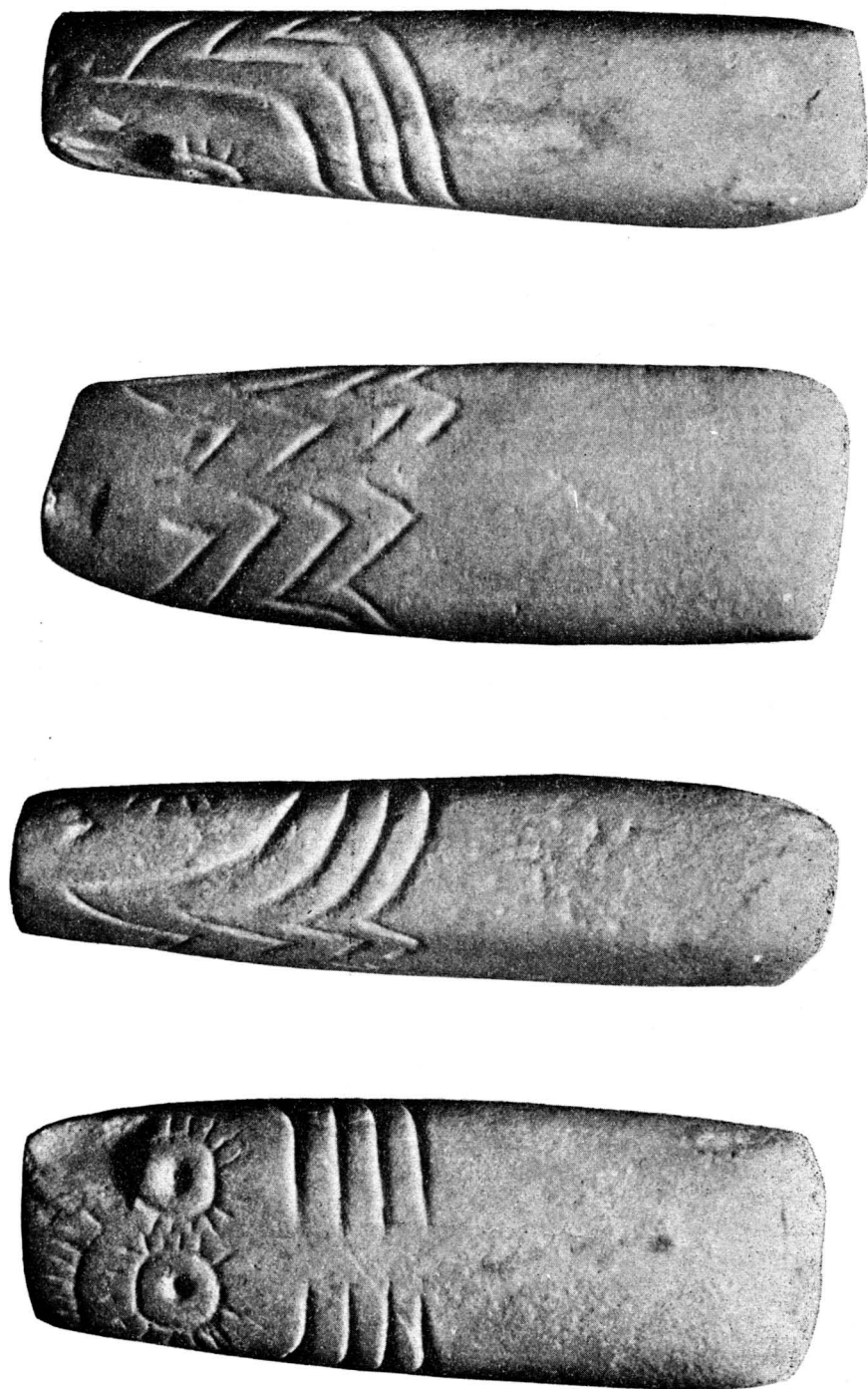
RÉSUMÉ

Deux nouvelles découvertes d'idoles cylindriques du type Moncarapacho viennent d'être faites au Sud du Portugal.

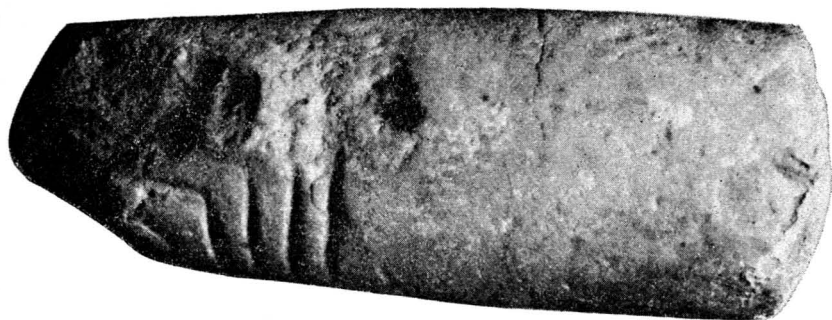
La Déesse Mère du néolithique occidental est aussi présente à l'Âge du Cuivre, sous une forme plus stylisée. Dans ces représentations on trouve: (a) des yeux-soleil (b) des sourcils bien dessinés (c) des peintures faciales.

Les idoles cylindriques se trouvaient généralement hors-contexte ce qui rendait difficile la détermination rigoureuse de son âge.

Après les fouilles de l'habitat calcholithique fortifié de Santa Justa (Alcoutim, Algarve) cette difficulté vient d'être surpassée, les idoles étant nettement calcholithiques ce qui donne une nouvelle importance à l'étude de toutes les trouvailles de ce type.



Ídolo-cilindro de Leziria. 1:1.



Ídolo-cilindro de Salir. 1:1.